

**A ESCRITA COLETIVA DE *O LIVRO DA GUERRA GRANDE*:
AFIRMAÇÃO DE UMA LATINO-AMERICANIDADE?**

Cíntia Paula Andrade de Carvalho¹

Nancy Rita FerreiraVieira²

Resumo: A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado da América Latina. Em *O Livro da Guerra Grande* (2002), unindo história e ficção, o paraguaio Augusto Roa Bastos, o uruguaio Omar Prego Gadea, o brasileiro Eric Nepomuceno e o argentino Alejandro Maciel juntam-se para recontar episódios envolvendo os conjurados do Quilombo do Gran Chaco, no qual soldados desertores, tanto do exército paraguaio quanto das forças da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), viviam em comunidade. O trabalho pretende analisar as crônicas que integram a obra na intenção de apontar vestígios de um projeto literário voltado à implosão das fronteiras nacionais e afirmação de uma suposta latino-americanidade. Para tanto, o texto apoia-se em reflexões de Zilá Bernd (2003), Márcio Bahia (2007) e Luiz Roberto Cairo (2007).

Palavras-chave: *O Livro da Guerra Grande*, Guerra do Paraguai, literatura, latino-americanidade.

*Nós latino-americanos somos como uma espécie de dedos de uma mão.
Cada dedo tem uma impressão digital, um é profundamente diferente do outro,
cada um tem sua função, mas juntos eles fazem uma mão.*
(Eric Nepomuceno)

Da escrita a “oito mãos” aos questionamentos

A Guerra do Paraguai (1865-1870) foi o maior conflito armado da América Latina. Passados mais de cem anos, os países envolvidos, como Brasil, Argentina, Uruguai (integrantes da Tríplice Aliança) e Paraguai, guardam as cicatrizes decorrentes da intervenção militar. Na época, a nação paraguaia teve dois terços de sua população dizimada e, ainda hoje, sente aos reflexos desastrosos da guerra, ao apresentar um quadro de instabilidade política e pobreza.

Em *O Livro da Guerra Grande* (2002), o paraguaio Augusto Roa Bastos, o uruguaio Omar Prego Gadea, o brasileiro Eric Nepomuceno e o argentino Alejandro Maciel, autores dos quatro países envolvidos no conflito, juntam-se para recontar episódios envolvendo conjurados do suposto quilombo Gran Chaco, no qual civis,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. cintiapaula1@gmail.com

² Professora Adjunto da Universidade Federal da Bahia. nancyrfv@gmail.com



soldados e oficiais - tanto do exército paraguaio quanto das forças da Tríplice Aliança -, viviam em harmonia. No prefácio da obra, Alejandro Maciel salienta que os textos foram produzidos a partir das cartas de *sir* Richard Francis Burton, historiador e cônsul do Império Britânico, endereçadas à rainha. O livro, escrito a oito mãos, mistura ficção e realidade. Embora contemple a presença de atitudes escriturais singulares, os textos dialogam entre si.

Na medida em que as crônicas - como também as denomina Alejandro Maciel, no prefácio - são produzidas por autores de lados contrários do conflito, haveria de se pensar na possibilidade de versões diferentes e mesmo conflitantes acerca da guerra. No entanto, uma análise mais cuidadosa dessa narrativa não se justifica sem que se sejam considerados alguns aspectos importantes. Primeiro, o fato de que o livro é resultado de uma investida de escritores dos países que hoje formam o MERCOSUL, criado para conter a hegemonia dos países ricos no mercado internacional. Segundo, a ficção histórica contemporânea vem privilegiando tanto a representação da temática identitária de minorias marginalizadas pela historiografia oficial quanto revisitando e reinterpretando fatos e personagens históricos sob novos olhares. Terceiro, acompanha-se no campo da literatura – e das ciências sociais, vale ressaltar - ampla discussão a respeito dos conceitos de americanidade e suas variantes e desdobramentos, como hispano-americanidade e latino-americanidade.

Nesse contexto, seria possível, identificar na obra coletiva *O Livro da Guerra Grande* vestígios de uma escrita literária voltada à implosão das fronteiras nacionais e afirmação de uma literatura latino-americana? Uma vez que o livro retoma episódios da Guerra do Paraguai a partir da visão de escritores dos países diretamente envolvidos no conflito, haveria como reconhecer, na narrativa, indícios de uma neutralização de nacionalismos e, por sua vez, da conformação de uma latino-americanidade? Não estariam estes escritores marcados por um sentimento há décadas já presente na literatura das Américas e, nesse momento, ressurgindo com uma coloração própria? O texto tem o propósito de refletir sobre essas questões. Cabe esclarecer, no entanto, que a presente reflexão não tem a intenção de fechar o assunto. O texto pretende apenas problematizar uma questão que vem suscitando ampla discussão no meio acadêmico.

Refletindo sobre a noção de latino-americanidade

Luiz Roberto Cairo, no ensaio *Literatura brasileira, literatura latino-americana?* (2007), sinaliza que a criação da expressão América Latina, no século XIX,

na França, foi uma tentativa da América hispânica de diferenciar-se da América anglo-saxônica. Posteriormente, a expressão passou a abranger também o Brasil, o Caribe francês, o Quebec e os povos do Caribe não colonizados por neolatinos, como as colônias inglesas e holandesas. Ao analisar, de forma breve, alguns trabalhos críticos de autores brasileiros e hispano-americanos, Cairo aponta a evidência de uma interação entre o Brasil e as demais nações americanas. Para tanto, esclarece que sua reflexão pauta-se no instinto de americanismo ou americanidade tanto no sentido de “sentimento de pertença à América”, empregado por Zilá Bernd e Maria do Carmo Campos (1995), quanto de “exaltação do continente americano”, utilizado por Hélio Lopes (1997). De acordo com Lopes, o sentimento de nacionalidade no Brasil, presente em textos poéticos românticos, nasceu paralelo a certo instinto de americanidade.

No entanto, Cairo reconhece a existência de textos de pesquisadores de literaturas ibero-americanas sobre o desconhecimento recíproco entre os escritores de literaturas de expressão hispano-americana e luso-americana. Nesses textos, há menção a escritores luso-americanos que se referem às literaturas latino-americanas “como um bloco no qual não se veem”. Conforme o ensaísta, o que parece ter contribuído para a permanência desta visão, por parte dos pesquisadores, é o esquecimento de textos que constituem as fontes primárias da formação destas literaturas; o desconhecimento “da existência paralela à construção da identidade nacional, ao menos na literatura brasileira, de um certo *instinto de americanidade* que acaba revelando uma aproximação entre os povos do continente americano” (CAIRO, 2007, p. 40). Neste exercício de inserção do instinto de americanidade em textos da literatura nacional, estariam por exemplo, textos nos quais a caracterização do Brasil estaria associada a elementos referentes a todo o continente americano e não apenas ao espaço delimitado pelas fronteiras do país. Cairo conclui que a aceitação da presença do instinto de americanidade concomitante à construção do instinto de nacionalidade da literatura brasileira talvez seja um passo que esteja dando no sentido de fazer com que esta literatura seja vista como latino-americana.

Em *Macunaíma* (2008), Mário de Andrade também procura compor a brasilidade de seu personagem por meio de afirmação de sua americanidade. O modernista reconhecia a heterogeneidade constitutiva dos povos. No romance, tenta definir a essência da identidade nacional, recolhendo mitos e lendas da América Latina.

Márcio Bahia, certo que de o uso do conceito americanidade faz parte de um processo inacabado de afirmação cultural nas Américas, em *Estratégias identitárias no*

continente americano: “americanidad”, “américanité”, “americanidade” e a ausência de “americanity” (2007), busca explicar como essas complexas manobras determinam a cartografia do conceito no continente. Ao analisar os pensadores da americanidade do continente, o estudioso identifica a adoção do que chama de “perspectiva periférica” do conceito. Tal perspectiva compreende dois eixos indissociáveis, encontrados em diferentes níveis de intensidade entre os pensadores.

A lógica do primeiro eixo, sustentado na ideia de promoção de certa união continental e no qual se inspira esse texto, é a seguinte: o vigor cultural americano reside na promoção da abertura cultural e proximidade continental nas Américas, não na expressão fragmentada das culturas nacionais circunscritas a espaços restritos. No lado hispano-americano, há a influência de escritores como José Martí (1977), com sua representação de *nuestra América*, José Lezama Lima (1993), com sua *expresión americana*, e Alejo Carpentier (1976), com reflexões sobre o *real maravilloso* americano. No Brasil, encontram-se os estudiosos da geração canadianista, entre os quais figuram a professora Zilá Bernd.

O segundo eixo da perspectiva periférica do conceito, por sua vez, apela por uma união continental acompanhada de certa resistência ao “centro”, visto como dominador. A posição desse centro foi ocupada primeiramente pela Europa. Depois, com a ascensão dos Estados Unidos, a rejeição passou a ser dirigida “ao gigante da América do Norte”.

Para Bahia (2007), o conceito apresenta o potencial de ampliação do campo de estudos culturais e literários, no qual não existam fronteiras delimitadoras de margens e os centros e seja possível, então, a construção de um novo sentido de continentalidade americana. A noção de americanidade inspira a possibilidade de por, lado a lado, a literatura e a cultura dos países americanos em “infindáveis e estimulantes combinações”.

Quando o tema é a americanidade, na esteira dos intelectuais hispano-americanos, Zilá Bernd, em *Americanidade e Americanização* (2003), também é de opinião de que José Martí (1983) é referência obrigatória. O cubano acreditava na possibilidade de constituição de um continente harmônico, no qual todos - índios, negros, brancos e crioulos – tivessem seus direitos reconhecidos. Na mesma medida, o compatriota de Martí, José Lezama Lima (1988), postulou a necessidade de uma “expressão americana” que se caracterizaria pela capacidade de recuperar marcas de culturas desvalorizadas para reencená-las em um novo contexto. Disto não derivaria perdas, mas a geração de expressões culturais inéditas.

Lúcia Lippi, em *Iberismo e americanismo* (2000), menciona que Richard Morse, ao analisar o pensamento intelectual e a cultura brasileira, acreditava na capacidade dos romancistas latino-americanos de renovarem o “discurso da ideologia obsolescente”. O pesquisador norte-americano apontava que romancistas como Borges, Cortázar, Guimarães Rosa, entre outros, souberam “desconstruir e reconstruir o vocabulário e as categorias”. Nesse sentido, não estariam, os autores de *O Livro da Guerra Grande*, apresentando iniciativa semelhante? Se não semelhante, ousada o suficiente a ponto de propor um diálogo poético produtivo entre intelectuais de espaços e culturas diferentes e, ao mesmo tempo, tão complementares? Não estariam esses escritores elaborando um projeto literário de esgarçamento das fronteiras da nacionalidade em prol da criação de uma narrativa com inspiração mais latino-americana?

O Livro da Guerra Grande a escrita híbrida latino-americana

Alejandro Maciel, já no prefácio de *O Livro da Guerra Grande*, afirma que a intenção da obra é celebrar a paz entre povos e, por isso, afirma: “Escrever um livro sobre a paz não aparece apropriado nessa civilização globalizada na qual a beligerância, o terror, as hemorragias, e os explosivos parecem ser a receita de ouro para contar histórias e histerias” (ROA BASTOS, 2002, p. 9).

O livro é composto de cinco textos, os quais são exercícios com intenções mais literárias do que históricas. No projeto literário, enquanto o Augusto Roa Bastos (autor das duas primeiras crônicas) e Alejandro Maciel buscam abordar ficcionalmente aspectos da guerra a partir dos campos de batalha do século XIX, Omar Prego Gadea e Eric Nepomuceno constroem narrativas cujos personagens contemporâneos procuram resgatar vestígios da guerra.

A primeira crônica de Roa Bastos, *Em frente à frente argentina*, está centralizada nas personagens de Cândido López e do presidente e general Bartolomeu Mitre, ambos argentinos. Sem a presença de um narrador, o texto desenvolve-se em discurso direto contínuo (sem aspas e travessões para marcar as falas dos personagens). No diálogo, o general procura justificar as ações de intervenção contra o Paraguai e o pintor, ao mesmo tempo, tenta rebater suas ideias, apontando o grau de desumanidade presente no conflito.

Enquanto conversam, o general Mitre traduz a *Divina Commedia*, de Dante Alighieri. Associações da guerra ao Inferno são constantes, como, por exemplo, na seguinte passagem:

Vamos conhecer o inferno lendo Dante, mestre. Onde pensa que estamos, general? Você deveria pintá-lo. Que acha que estou fazendo? Não está vendo aqui a artilharia aliada, ali a infantaria paraguaia? E onde foi esse combate, ajudante? A carga da batalha de Estero Bellaco, *sir* (ROA BASTOS, 2002, p. 25).

O autor aproveita para discutir temas como a ambição e o autoritarismo. Em vários momentos do diálogo entre Mitre e o pintor, o general tece críticas à figura do comandante paraguaio Solano López: “O interesse do Estado subordina os demais interesses, mestre. Por isso lhe digo que não podemos permitir que uma ditadura ameace a paz da América do Sul” (ROA BASTOS, p.17). Ao mesmo tempo, Mitre defende que se faça tudo a qualquer preço, em nome do Estado, inclusive, utilizar a arte para manipular os fatos, a sociedade. Cândido, motivado por princípios humanitários, é o contraponto e discorda de suas colocações:

Você vai pintar o massacre e a decapitação manual? Que tipo de mestre é o nosso? Esqueça o passado, mestre da paleta, torne-o mais leve. Não há melhor que acreditar no impossível. Meu pulso não mente, general, menos ainda depois que perdeu a mão (ROA BASTOS, 2002, p.15).

O pintor, ainda que compatriota do comandante, não compartilha de sua opinião sobre a necessidade da guerra: “É estranha a justiça sagrada, dom Mitre. Castiga igualmente aquele que se beneficia e aquele que se prejudica, como em sua guerra. (ROA BASTOS, 2002, p.36)

A segunda crônica de Roa Bastos, *Em frente à frente paraguaia*, é um fragmento de seu livro *El Fiscal* (1993). Na narrativa sobre a incursão de *sir* Richard Burton ao acampamento paraguaio, relata-se o encontro do britânico com o general Solano López e Madame Lynch. Em um primeiro momento, o texto detém-se no diálogo travado entre Burton e López acerca da guerra e ao relato da admiração do cônsul à esposa do presidente paraguaio. Na sequência, voltam-se as referências a Cândido López. Menciona-se a existência de um pintor paraguaio homônimo ao artista argentino. O pintor havia perdido o braço direito ao ser atingido pelos estilhaços de tiros projetados por uma metralhadora. Nas palavras do narrador, o pintor já não era senão

...a metáfora do povo dizimado, exterminado pela guerra. [...] Cândido López pintou em quadros memoráveis a tragédia da guerra, mas seu próprio corpo era o comentário mais terrível dela. O pintor assumiu o martirólogo coletivo e o “passou” para os quadros da segunda época. Este negam o marcial esplendor dos primeiros, ainda pouco retóricos. Talvez esses quadros, segundo um enigma ainda não esclarecido, fossem obra de outro pintor, um paraguaio também chamado Cândido López. (ROA BASTOS, 2002, p.78)

A intenção de Roa Bastos, com a introdução do que chama de “duplo guerreiro”, é acionar os valores relacionados tanto ao nacionalismo quanto à identidade intercultural das nações envolvidas no conflito. Mais, adiante, o narrador destaca como a guerra pode causar efeitos danosos à identidade coletiva dos povos:

As guerras, como todo fenômeno da tragédia humana, quase sempre geram profundas alterações coletivas e individuais, principalmente quando essas contendas ocorrem entre povos irmãos de culturas idênticas, de um mesmo sangue. Sua efusão violenta, qualquer que seja a causa que as origine, transforma-se em alterações, às vezes traumáticas, de suas identidades, e em consequência, de sua própria história (ROA BASTOS, 2002, p. 93)

A crônica de Alejandro Maciel, *Fundação, apogeu e ocaso do Quilombo do Gran Chaco*, relata a deserção do capitão argentino Francisco Paunero, narrador do texto, dessa sangrenta guerra. A colônia, localizada na região fronteiriça entre Paraguai, Argentina e Brasil, era habitada por refugiados das quatro nacionalidades e de diferentes culturas

Índios mal adaptados à civilização, pessoas a quem a guerra havia espantado das cidades, libertos que cruzaram a fronteira fugindo de seus donos, pardos desertores dos quatro exércitos mestiços de todo o tipo, soldados prófugos e mulheres vindas ou trazidas de todos os lugares formam a população desse refúgio, ao qual o liberto Luvio batizou de ‘Quilombo do Gran Chaco’ (ROA BASTOS, 2002, p. 123).

O governo desta comuna era formado por um conselho administrado por três representantes de cada um dos países envolvidos no conflito. Na entrada da colônia, constava uma bandeira branca, cujo lema era “Paz na paz e guerra à guerra”. As choupanas eram dispostas em fileiras, abrindo-se em leque a partir do pátio central.

A constituição híbrida do continente americano é perceptível quando a narrativa faz referências à linguagem dos conjurados. A princípio lá vivam falantes do português, espanhol e do guarani. Quanto à religião, notam-se manifestações e símbolos de crenças de matrizes indígenas, africanas e católicas, por vezes, em formas sincréticas, em outras, simplesmente convivendo no mesmo espaço. O templo erguido pela comunidade era em estilo barroco indígena, o aponta para a herança católica conjugada à ameríndia. Nestor García-Canclini (2203) já havia apontado, em seus estudos, que a noção de hibridação é fundamental para compreender a história latino-americana.

A arte mais uma vez é mencionada no livro, quando, na crônica, a música é definida como o idioma de todos. Nas palavras do narrador, o capitão argentino, ao se referir a alguém que tocava para os conjurados, era “um uruguaio [que] nos tinha feito sentir por alguns minutos que éramos todos a mesma coisa” (ROA BASTOS, 2002, p. 148).

No texto, constam, também, referências ao aparecimento de um bando de “cavaleiras guerreiras”. Elas se diziam desertoras da opressão empreendida pelo comandante Solano López, mas comprometidas com a luta paraguaia. As Amazonas são mencionadas no início do romance, pelo personagem de Cândido López, na crônica de Roa Bastos. No texto de Maciel, as guerreiras, recém-chegadas ao Quilombo, escolhem os homens com quem querem passar a noite.

As amazonas são personagens importantes no universo do imaginário coletivo das Américas. Conforme a pesquisadora Zilá Bernd, em *As Américas: nascimento em morte das utopias* (2010), muitos mitos recorrentes entre as primeiras narrativas, e até em textos contemporâneos, são “fragmentos míticos europeus adaptados ao novo cenário”. No caso das amazonas, o que ocorre a recuperação e a ressignificação da mitologia grega ao espaço continental americano.

Em os papéis do general Rocha Dellpiane, de Omar Prego Gadea, o narrador explora os arquivos secretos do militar uruguaio. O investigador tem acesso aos arquivos, que se encontravam sob os cuidados da neta de Dellpiane. Dona Rosa Rocha Saavedra deixa transparecer certo ressentimento com relação aos historiadores, a quem acusa de não terem dado a importância devida ao papel de seu avô na guerra. Assegura que a publicação do material serviria apenas para “prejudicar ainda mais a memória do general”. Por conta disso, decide queimar os documentos, interrompendo a investigação. A anciã questiona o valor da História, a qual define como “um acúmulo de misérias, de assassinatos, de matanças, de falsificações, de interpretações tendenciosas”.

Eric Nepomuceno, por sua vez, encerra o livro com o texto *Um barão não mente, envelhece*. A crônica narra o resgate da descendência de um dos conjurados do quilombo do Gran Chaco, o militar brasileiro Florêncio Silveira. Em meio aos relatos do narrador, o VII Barão de Ramalho, sobre sua empreitada à justiça para adquirir o direito de ter o título, fica evidente a crítica à censura aos documentos relacionados à guerra e à situação de pobreza e destruição da nação paraguaia.

Quando interpelado por uma jovem, a respeito dos vencedores da guerra, irritado, o barão responde: “... que vencedores? Brasil, Argentina, Uruguai? Ou os verdadeiros, os banqueiros britânicos que financiaram e estimularam aquela carnificina? Heróis? Quem?” (ROA BASTOS, 2002, p. 218). Mais adiante, desabafa: “... começo a pensar no que sou, no que somos, no que fiz, no que fizeram de mim, no que fizeram conosco...” (ROA BASTOS, 2002, p. 219). Com os fragmentos, é possível tecer algumas reflexões. Primeiro, acerca da versão revisionista da guerra, de questionar o discurso histórico ao estar sempre procurando legitimar certas versões, enquanto outras são silenciadas. Segundo, sobre o incômodo do personagem sobre quem de fato é, de sua vergonha por se sentir um daqueles que ajudaram a dizimar povos irmãos.

É perceptível que o romance aciona elementos de aproximação entre personagens de diferentes nacionalidades e culturas circunscritas ao espaço latino-americano. Como um dos grandes objetivos do projeto literário foi recontar como

pessoas com nacionalidades de lados contrários da guerra podem viver em harmonia em outro modelo de conformação social, política e cultural (o do Quilombo do Gran Chaco), a afirmação de uma latino-americanidade advém de uma estratégia recorrente na obra, que é reforçar a ideia de que a guerra destruía povos e culturas de um mesmo território; não o da nação, mas de uma parte do continente americano.

Considerações finais

Ao passo que consegue implementar uma incursão sobre um universo tão heterogêneo, como o híbrido Quilombo do Gran Chaco, os autores dos quatro países envolvidos na guerra, trazem à tona um tema fundamental do debate cultural contemporâneo na América Latina: o latino-americanismo. As atitudes escriturais dos autores já são uma metáfora ao sentimento de latino-americanidade. São diferentes, mas, ao mesmo tempo, não-excludentes. Da forma semelhante, os personagens são interpelados pelo sentimento de “pertença ao continente americano”; todos diferentes, mas, ao mesmo tempo, irmãos, na medida em que compartilham de muitas histórias, mitos, linguagens e desejos.

O romance *O Livre da Guerra Grande* empreende um quadro revisionista da Guerra do Paraguai, enveredando entre os limites da ficção e da história. Por meio da ficcionalização de personagens históricos e de simplesmente inventados, o projeto literário procura desmitificar heróis, denunciar fanatismos e falsos nacionalismos, desnaturalizar verdades cristalizadas e dar voz a minorias silenciadas pelo discurso histórico, como a de militares contrários à violência da guerra, culturas indígenas, mulheres entre outras. Ao mesmo tempo, busca acionar alguns elementos de um imaginário coletivo dos povos circunscritos ao espaço latino-americano: o mito das amazonas, a religião católica, a cultura ameríndia. Todos esses elementos que fazem os personagens serem interpelados por um sentimento que é maior do que a nacionalidade, quando esta compromete a paz dos povos: o instinto de latino-americanidade.

Referências

- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Agir: São Paulo, 2008.
- BAHIA, Márcio. _____. As Américas: nascimento e morte das utopias. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n.4, p.67-70, out./dez/2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/8556/6070> Acesso em 02/04/2012.

Estratégias identitárias no continente americano: “*americanidad*”, “*americanité*”, “*americanidade*” e a ausência de “*americanity*”. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 43-55, 1º sem. 2007. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20080716123311.pdf Acesso em 20/03/2012.

BERND, Zilá. Americanidade e americanização. In: BERND, Zilá (org.). **Americanidade e transferências culturais**. Porto Alegre: Movimento, 2003.

CAIRO, Luiz Roberto Cairo. Literatura brasileira, literatura latino-americana? In: **Entrelaces**. p. 37043. Agosto, 2007. Disponível em: <http://www.entrelaces.ufc.br/cairo.pdf> Acesso em: 20/03/2012.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003a. 388p.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Iberismo e americanismo: um livro em questão. **Americanos: representações da identidade Nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ROA BASTOS, A.; MACIEL, Alejandro; PREGO GADEA, Omar; NEPUMUCENO, Eric. **O livro da Guerra Grande**: quatro escritores latino-americanos e a Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Record, 2002.